



RELEVANCIA DO MITO E DO RITO PARA EPIRITUALIDADE INDÍGENA DO POVO TABAJARA.

Jeane Odete Freire dos Santos Cavalcanti (IESP)

jeaneodete@gmail.com

Wellington Cavalcanti de Araújo (IESP)

wellington.cavalcanti.araujo@gmail.com

Resumo

Compreender mais intimamente as questões que quase exterminaram os índios Tabajaras do nosso território se apresenta como uma possibilidade real de experimentar como a força da espiritualidade indígena é respaldada pela efetiva evidencia da importância do mito e do rito para fortalecer esse povo. Assim, como se dá a representação dos mitos e ritos deixados por sua ancestralidade diante de um século de aparente desaparecimento? Como as diversidades religiosas interferem na espiritualidade indígena? Qual o valor do mito e do rito para o povo Tabajara na atualidade, uma vez que durante um século estavam extintos? O objetivo deste artigo é realizar levantamento bibliográfico sobre o assunto, buscar compreender a relevância do mito e do rito para o povo Tabajara e sua influencia na espiritualidade Indígena. Favorecer conhecimento acerca do assunto e propor meios para encontrar respostas a nossa problemática para assim contribuir de forma a desmitificar as especulações sobre a espiritualidade desse povo. Utilizamos uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, trazendo como aporte a revisão bibliográfica. No entanto, as necessidades pela chegada a pesquisa campo vai se arrumando como um pensamento constante e imprescindível para garantir a conquista dos resultados a alcançar mediados pelos objetivos estabelecidos.

Palavras Chaves: Mito, rito, espiritualidade, indígenas, religiosidade

INTRODUÇÃO

Quando se pensa em espiritualidade indígena, logo fazemos relação com rituais religiosos que acreditamos ser a representação na crença cultural da ancestralidade que este povo carrega. Contudo, antes de pensar em qualquer coisa que se refere ao Índio brasileiro, temos que fazer recorte sobre sua historia diante da sociedade que vivemos, principalmente para compreender o índio Tabajara na atualidade Paraibana, uma vez que nos propomos a estudar de forma mais profunda a relevância do mito e do rito para esse povo, no que se refere à espiritualidade.

De acordo com Barcellos e Farias (2014) a colonização da Paraíba foi bem difícil, pois a extensão das terras e a resistência dos povos que ali habitavam contribuiu com conflitos permanentes entre os índios, e os invasores portugueses e Franceses que sempre objetivaram obter beneficios sob as riquezas que aqui encontraria.



Para BARCELLOS (2014, P.15) “nesta terra, conhecida como Paraíba, há muitos séculos já habitavam povos autóctones que tinham seu jeito de ser, de falar, de pensar, de rezar de rezar/orar..., de interagir com a natureza, enfim, de viver”. Os europeus aqui chegaram e além de dominação do nosso povo, também definiam como deveria ser a vida dos nativos, seus costumes, suas crenças. Tudo com a força da imposição que os europeus tratavam como colonização para um povo que para eles não apresentavam significado algum.

Pensando na espiritualidade indígena, muitas questões insistem em vir à tona num processo de reflexão. Motivo pelo qual decidimos realizar este estudo. Acreditando como problemática essencial ao que se refere ao Povo Tabajara, que devido ao processo colonizador, foram obrigados a sair de suas terras, perderem o direito de exercer sua cultura, foi obrigado a silenciar sua existência por todo um século. Assim, como se dá a representação dos mitos e ritos deixados por sua ancestralidade diante de um século de aparente desaparecimento? Como as diversidades religiosas interferem na espiritualidade indígena? Qual o valor do mito e do rito para o povo Tabajara na atualidade, uma vez que durante um século estavam extintos?

O objetivo deste artigo é realizar levantamento bibliográfico sobre o assunto, buscar compreender a relevância do mito e do rito para o povo Tabajara e sua influencia na espiritualidade Indígena. Favorecer conhecimento acerca do assunto e propor meios para encontrar respostas a nossa problemática para assim contribuir de forma a desmitificar as especulações sobre a espiritualidade desse povo.

Utilizamos a pesquisa exploratória com a abordagem qualitativa como aporte de uma revisão bibliográfica. Mediante os esforços em aquisição dos conhecimentos percebemos uma vasta necessidade em aprofundar ainda mais os estudos de forma que percebemos a necessidade de levar a pesquisa a campo e buscar vivencia a partir de experiências apresentadas.

METODOLOGIA

Na busca por gerar conhecimentos acerca do tema, a natureza da pesquisa é exploratória, que em acordo com GIL (2009, p.40) “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipótese.”

O presente artigo consiste numa revisão bibliográfica sobre o assunto em questão, a partir de estudos de artigos científicos, livros e documentos que fundamentam as questões que abordam a espiritualidade indígena e a relevância do mito e do rito para o Povo Tabajara.



Nesta perspectiva nos fundamentamos nos escritos de vários autores que viabilizam a compreensão de teorias as quais considero importantes para nosso entendimento. Autores tais como Lusival Barcellos, Eliane Farias, Maria Angelina Vilhena, Mirceia Eliade, Leonardo Boff, dentre outros autores.

INDIOS TABAJARAS NA PARAÍBA

Segundo os estudos de Barcellos e Farias 2014 existiam 18 povos autóctones na Paraíba, apenas os povos Potiguaras e Tabajaras existem nos nossos dias. Em meio a esses povos existia diversidade de cultura e de etnia que apresentava seu contexto, valores, costumes, riqueza natural, social e espiritual e sua forma própria de conceber o mundo.

Inevitavelmente o percurso histórico dos povos Tabajaras e Potiguaras se cruzou e isso persiste até a atualidade. O mito e o rito da espiritualidade dos Potiguara e Tabajara do Estado da Paraíba são em sua maioria vivenciados na atualidade através do sincretismo, pois grande parte dos indígenas aderiu a religiões como o catolicismo e protestantismos, e, com isso, foi possível a fusão de elementos e práticas às crenças desses povos (BARCELLOS, 2012; FARIAS 2011).

Fazendo uma visita ao contexto histórico adentramos as colocações de BARCELLOS E FARIAS (2014, p. 75) quando afirma:

O território tradicional dos indígenas Tabajara, que se localiza na microrregião do litoral sul paraibano, é formado pelos municípios de Conde, Alhandra, Caaporã e Pintimbu, entre o Estado de Pernambuco e a capital da Paraíba, João Pessoa. Pela posse desse território, desde o século XVI, a história tem registrado muitas lutas entre indígenas e brancos, portugueses, franceses e holandeses, que guerreavam entre si pela posse da costa nordestina brasileira.

Segundo (BARCELLOS e FARIAS 2001, p. 28) “podemos dizer que a história do povo Tabajara é similar a tantas etnias indígenas do Brasil que buscam afirmação étnica, reconhecimento enquanto povo, direito, dignidade, respeito e, sobretudo, lutam pela conquista de um território”.

Diante dos relatos históricos o povo Tabajara teve seus registros até o Séc. XIX e só no Séc. XXI ressurgem registros. É justamente aí o grande questionamento de como esse povo viveu e repassou sua história após 100 anos de inexistência. Barcellos e Farias afirmam que os troncos



velhos anciãos do povo Tabajara foram os responsáveis por transmitir toda a ancestralidade que pertencia aos mesmos.

O ressurgimento da etnia Tabajara paraibana acontece num momento muito singular, quando o jovem Ednaldo Santos da Silva, hoje cacique geral do povo Tabajara, volta a ouvir de seu tio-avô João Gringo, todas as histórias sobre a opressão e expropriação sofrida pelos seus parentes por parte dos Lundgrens, no Sítio dos Cabocos. (BARCELLOS e FARIAS 2001, p. 29)

Tornando-se conhecedor do mito de profecia contada por um Tronco Velho chamado Antonio Piaba, Ednaldo sente o chamado de ser o jovem forte que lutaria pelo resgate da história e tradição do seu povo, além de enfrentar a luta por reconquistar seu território e legitimar sua etnia.

O ano de 2006 é o marco história dessa trajetória tão rica do povo Tabajara buscar suas tradições culturais e tudo o que possa dizer respeito a sua existência como povo nativo dessa terra e que injustamente tiveram uma quebra de seus direitos de ser e de existir enquanto uma nação originária do nosso Brasil.

BUSCANDO COMPREENDER O MITO

Mas afinal o que é mito? Para Eliade (1972), o mito é o começo de tudo, a origem das coisas, seus primórdios, e sua importância se faz como um norteador para determinado grupo, o mito deve ser compreendido através de uma perspectiva histórico-religiosa. O autor entende ser grande e complexo de se conceituar o mito. No entanto, Eliade compreende que o mito é como uma história sagrada que tem como objetivo narrar uma ocorrência em um tempo fantástico e primeiro (ELIADE, 1972). Podemos reforçar o entendimento com as colocações de (SILVA, 2017, p.206):

Em algumas culturas, o mito é concebido como algo real que aconteceu ou irá acontecer, logo se torna funcional, refletindo acerca da ótica da prática religiosa. Pode-se supor que o mito deixa de ser imaginário quando se consolida no rito. Para os indígenas não é diferente. Sua cultura, espiritualidade e prática religiosa estão envolvidas com o sagrado e isso transcende nas ações do dia-a-dia.



Barcellos (2012, p. 45) assevera que “[o] mito é o responsável pela forma como a sociedade indígena se reproduz na maneira de ser, viver e de morrer. Detém as verdades das coisas e procura perpetuá-las para não serem esquecidas”. Na tradição indígena, essa vivência peculiar os coloca em uma atmosfera onde suas decisões particulares e comunitárias são tomadas a partir do que foi suscitado pelo sagrado. Já para Eliade (1972), vivenciar os mitos implica em uma experimentação religiosa.

Em seus escritos Silva (2017, p. 204) apud Farias (2011), diz que os “troncos velhos” preservam em suas memórias tradição do seu povo e, ao transmitir as recordações através das suas narrações, revelam as reminiscências coletivas colaborando, deste modo, para revigorar a auto-afirmação do grupo em processo de reestruturação e fortalecimento da identidade cultural religiosa dos mesmos.

Ainda em Eliade 1972, é essencial conhecer os mitos por que fazem o papel de explicação do mundo e do seu próprio modo de existir. Ao se rememorar o mito e reatualizá-los se compreendem e se aprende o segredo da origem das coisas, onde encontrá-las e como fazer para que elas reapareçam quando desaparecem. O referido autor traz uma explicação bem objetiva sobre a estrutura e função dos mitos que nos faz compreender e relacionar cada vez mais o sentido de buscar valorizar o mito para o povo Tabajara, uma vez que é sempre importante lembrar que os mesmos passaram por intervalo de um século sem registros documentais sobre este povo, de forma que se acreditava inclusive na inexistência desse povo no nosso Estado, depois de tanto massacre.

Assim, para resgatar toda uma cultura e reafirmar a sua existência os Tabajaras precisavam rememorar sua existência e a garantia de recuperação da mitologia e sua essência foram e serão sempre um marco de relevância absoluta para resgate da história e manutenção desse povo. Podemos compreender bem o porquê disso nas explicações a seguir:

De modo geral pode-se dizer que o mito, tal como é vivido pelas sociedades arcaicas, 1) constitui a história dos atos dos Entes sobrenaturais; 2) que essa história é considerada absolutamente verdadeira (porque se refere a realidades) e sagrada (porque é a obra dos Entes sobrenaturais; 3) que o mito se refere sempre a uma “criação”, contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa é a razão pela qual os mitos constituem os paradigmas de todos os atos humanos significativos; 4) que, conhecendo o



mito, conhece-se a “origem” das coisas, chegando-se, conseqüentemente, a dominá-las e manipulá-las à vontade; não se trata de conhecimento “exterior”, “abstrato”, mas de um conhecimento que é “vivido” ritualmente, seja narrando cerimonialmente o mito, seja efetuando o ritual ao qual ele serve de justificação; 5) que de uma maneira ou de outra, “vive-se” o mito, no sentido de que ele é impregnado pelo poder sagrado e exaltante dos eventos rememorados ou reatualizados. (ELIADE, 1972, p. 16)

Quanto mais nos aprofundamos nas leituras sobre os conceitos aqui valorizados, percebemos o quanto se faz necessário aprofundar, pois como aborda o referido autor, “Em suma, os mitos revelam que o mundo, o homem e a vida têm uma origem e uma historia sobrenatural e que essa historia é significativa, preciosa e exemplar” (ELIADE, 1972, p. 16). Contudo, já fica muito claro que o mito tem significação cultural e espiritual, num contexto de experiência religiosa e reviver e reatualizar o mito traz conseqüentemente a necessidade do rito.

ONDE TEM MITO, EXISTE RITO?

Compreender o rito é condição necessária para prosseguir nosso estudo, uma vez que mito e rito são objetos de pesquisa para compreensão da espiritualidade indígena. Assim começamos logo por entender a palavra rito que vem do latim “ritus” significando ordem estabelecida. VILHENA (2005, P. 21) afirma que “o rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si” Mas a autora deixa claro que não podemos confundir rito com ritual, O termo “rito” difere de rituais. O rito é a prática celebrativa de vários rituais religiosos, é uma sucessão de gestos, atos e palavras, e o ritual é a forma de praticar o rito. Assim, o rito possui múltiplos significados que são vivenciados pela iniciação, cerimônia, passagem, exclusão e outros. Barcelos (2005) explica bem, quando afirma que:

O rito marca ritmicamente o dia a dia, os tempos, as estações, os lugares, cada pessoa. Assim, dentro de uma cultura determinada, cria um campo simbólico que possibilita fomentar valores e estabelecer relações. O rito tem como finalidade estabelecer o ser humano ou a comunidade no seu habitat, na sua práxis, possibilitando encontrar-se, criar e recriar seus costumes, paixões, hábitos, valores. O rito atualiza e faz reviver a tradição indígena porque contempla toda a realidade da etnia. (BARCELLOS 2015, p.32)

Também em Vilhena (2005), ficam claras as colocações acerca do rito, quando ela coloca que toda ação acontece em algum lugar e em algum tempo. E ainda afirma que os ritos para serem vividos e compreendidos, devem ser localizados em suas dimensões de espaço e tempo.



De forma muito clara entendemos que o mito existe mediante o rito, uma vez que este se situa na articulação entre tradição, memória, conservação e manutenção de uma cultura. E neste contexto é importante perceber que o ritual é a ação de fazer o rito acontecer. Também, entendemos que os ritos podem ser criados, recriados, transformados e até mesmo deixar de existir se for o caso de não apresentar mais alguma valia para uma comunidade.

SIGNIFICADO DO MITO E DO RITO PARA O POVO TABAJARA

O povo indígena Tabajara faz o uso do mito como efetiva sustentação para sua fé e religiosidade, bem como para integração do seu povo e sua espiritualidade. O mito está totalmente ligado ao rito (BARCELLOS, 2012). De acordo com Eliade (1972), a memória é a vivência do mito através do rito e o mito, ao ser contado, vivifica o rito e vice-versa.

Através do mito podem-se efetivar inúmeras relações entre fantasias e realidades, entre os seres humanos e elementos da natureza, ou tantos outros comparativos que dariam margem a reflexões (ELIADE, 1972). Mito, na concepção de Silva (2011), estabelece e consolida a crença nas entidades sagradas e nos seus feitos. Conseqüentemente revigora a cultura indígena, fortalecendo o grupo através do reavivamento em cada indivíduo, seja ela na visão Tabajara.

Diante deste contexto acerca dos autores aqui estudados, fortalecemos a idéia de que tanto o mito como o rito tem um significado de grau elevado para qualquer povo e no caso do Povo Tabajara, esse significado se torna uma questão de sobrevivência e manutenção da existência desse povo e de sua cultura. Como se assegura nos argumentos em (FARIAS 2015, p.19) “O mundo indígena está povoado pelos seres encantados que habitavam a natureza [...] Os indígenas são povos de uma fundamentação milenar, acreditam no contato com os espíritos da natureza, dos encantados e de seus ancestrais.”

O povo Tabajara enquanto ficou vagando, lutando por moradia, trabalho encontrava na pesca, caça e coleta de frutas possibilidades de sobrevivência. Durante esses estudos sobre os Indígenas Tabajaras sem me encontro a pensar sobre a realidade cruel a qual este povo foi submetido.

Outra coisa que intriga muito e me encanta é pensar na Profecia que fez o Cacique Ednaldo abandonar uma oportunidade imperdível de jogar futebol em outro País e ser reconhecido por isso. Acredito que a força do mito através dos ritos e rituais que transbordam



nas questões da espiritualidade que fez e faz esse povo reacender a chama de viver e enfrentar as dificuldades de se fazer existir e provar que sempre existiu como algo fundamental em suas vidas.

MITO, RITO E ESPIRITUALIDADE INDÍGINA DO POVO POTIGUARA

A espiritualidade para qualquer povo pode ser vista como uma fonte de resiliência e apoio as questões individuais e coletivas, sociais e culturais. Há evidências suficientes para afirmar que a prática religiosa regular está associada ao bem-estar, à qualidade de vida e a fatores positivos.

Segundo Boff (2001), a espiritualidade é capaz de produzir mudanças no ser humano, proporcionar benefícios e oferecer um sentido para a vida. Segundo Koenig (2012), muitas pessoas enfrentam situações difíceis em suas vidas com a ajuda e o suporte de suas crenças e práticas religiosas e na fé que reflete as questões de espiritualidade.

Ele cita diversos estudos onde pessoas relataram que a fé e as orações eram úteis e potencialmente eficazes bem como no sentido de suporte social pelo fato de haver grupos envolvidos neste apoio.

Para os Tabajaras, o encontro religioso através da fé em uma profecia motivou a reunião de alguns deles e marcou o início da retomada das práticas religiosas e de reafirmação da fé, reunindo as famílias, retomando costumes dos antepassados e revitalizando a tradição através da espiritualidade (FARIAS 2011).

A espiritualidade promove nas pessoas vasta possibilidade de sustentação e enfrentamento para mudanças e acontecimentos significativos. É importante considerar que os indígenas Tabajaras recorreram às práticas religiosas como apoio nas grandes adversidades secularmente vivenciadas e como enfrentamento para a retomada da tradição na atualidade. Deste modo, a espiritualidade destes povos transcende na busca pelo sagrado e aspira ao contato, ao respeito com a natureza e à manutenção da memória de seus antepassados.



Em suas práticas religiosas, os indígenas se reaproximam de rituais antes adormecidos em suas memórias, e que só são possíveis de ser rememorados graças aos mitos e ritos devolvidos pelos ancestrais através dos “Troncos Velhos” e estes retornam o lugar das furnas, das ocas, das matas ou mesmo levam suas culturas para as práticas religiosas hoje vinculadas às suas comunidades.

Atualmente os Tabajaras, em sua maioria, são adeptos do pentecostalismo e, conforme Farias (2011), no processo de reelaboração de suas tradições (a pintura corporal, o uso de colares e braceletes, a fabricação de artesanato) e do ritual do Toré, tem causado convergência e divergências entre eles devido a elementos religiosos como a invocação a espíritos ancestrais presentes na prática do Toré, que não é compreendido pelo Pentecostalismo, gerando assim, por exemplo, um constrangimento.

Á espiritualidade é concebida por Boff (2001) como experiência íntima que pode ser canalizada pelo mito, pelo rito, pela religião, pela comunhão com o grupo, o desenvolvimento espiritual implica no desenvolver de uma escuta contemplativa das mensagens implícitas ao redor do sujeito em seu cotidiano. Assim, a vivência espiritual, através dos mitos e ritos, contribui efetivamente para a integração de grupo e étnica, proporciona mobilização e mudança no indivíduo como um todo desde a sua cognição, até seu comportamento social, pois o afeta integralmente e isso reflete no grupo onde o mesmo está inserido.

CONCLUSÃO

Como uma fonte de água preparada para matar a sede, assim se processa o envolvimento no desejo de compreender o contexto que se refere às questões de espiritualidade indígena. Torna-se impossível não fazer um realce no que se refere as questões acerca do mito e do rito como ponto fundamental as questões que envolvem o povo Tabajara.

Nosso interesse sempre foi e continua a ser manter um foco nos estudos sobre espiritualidade e saúde. Contudo, a aproximação as Aldeias Tabajaras, por ocasião de aulas de Campo, nos faz pensar como seria pertinente pensar, refletir, questionar e pesquisar sobre a influencias da fortaleza da cultura acerca da espiritualidade e da religiosidade desse povo pode ser utilizada como uma fonte de vivencia e experiência a ser levada aos esforços em pensar em espiritualidade e saúde.



Nesse contexto estabelecido até aqui temos uma certeza, a de que se faz necessário um debrucamento intenso tanto no que podemos chamar de documentação bibliográfica, quanto na documentação do campo, através do uso de instrumentos que possibilitem vivências e experiências com o real mais encantado que podemos encontrar no povo indígena e que no nosso caso vemos nos Tabajaras um campo fértil para conhecimentos e oportunidade de ser parte colaboradora com uma causa tão motivante.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos POTIGUARA da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

BARCELLOS, Lusival; et al. **Diversidade Paraíba: indígenas, religiões afro-brasileira, quilombolas, ciganos**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2014.

_____; FARIAS, Eliane. **Memória Tabajara: manifestações de fé e de Identidade étnica**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

KOENIG, Harold G. **Medicina, religião e saúde, o encontro da ciência e da espiritualidade**. Porto Alegre: L&P, 2012.

SILVA, Almir Batista. **Religiosidade potiguara: tradição e ressignificação de rituais na aldeia São Francisco**. *Baía da Traição - PB*. 2011. 147 páginas. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões), UFPB. João Pessoa, PB.

VILHENA, Maria Ângela. **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005.